

Algumas considerações sobre a escrita da história em Gilberto Freyre: biografia e método

Some considerations on the writing of history in Gilberto Freyre: biography and method

DIEGO LOPES DE CAMPOS

Mestre em Planejamento e Análise de Políticas Públicas em Educação (UNESP)

E-mail: diego.campos22@etec.sp.gov.br

Resumo: O presente trabalho é fruto de reflexões desenvolvidas ao longo das disciplinas de Teoria e Historiografia, na pós-graduação, e História Econômica, na Universidade de Campinas, entre os anos de 2010 e 2011, as quais contribuíram para a construção do pensamento historiográfico brasileiro. Dessa forma, o texto aborda a trajetória intelectual de um dos maiores pensadores da realidade social e histórica brasileira, Gilberto Freyre, e como essa biografia se relaciona com alguns aspectos teóricos e metodológicos de sua obra, marcada pela sua multidisciplinaridade nas áreas das humanidades e pela originalidade da escrita historiográfica sobre o Brasil.

Palavras-chave: Gilberto Freyre; história social e cultural; historiografia.

Abstract: This present work is the result of reflections developed during the courses of Theory and Historiography in postgraduate studies, and Economic History at the University of Campinas, between the years 2010 and 2011, which contributed to the construction of Brazilian historiographical thought. Thus, the text addresses the intellectual trajectory of one of the greatest thinkers of Brazilian social and historical reality, Gilberto Freyre, and how this biography relates to some theoretical and methodological aspects of his work, marked by its multidisciplinarity in the humanities and the originality of historiographical writing about Brazil.

Keywords: Gilberto Freyre; social and cultural history; historiography.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Gilberto Freyre (1900-1987) foi um sociólogo e antropólogo brasileiro. Ele é conhecido, principalmente, por sua obra *Casa-Grande & Senzala*, publicada, primeira edição, em 1933, que se tornou um marco na historiografia brasileira e na compreensão da formação social e cultural do Brasil. Além disso, Freyre produziu diversas outras obras importantes ao longo de sua carreira, incluindo *Sobrados e mucambos*, *Ordem e progresso* e *Interpretação do Brasil*.

Se Freyre não era historiador de ofício, demonstrou-se na prática um fazer historiográfico de vanguarda, renunciando alguns elementos do que hoje chamamos de História Cultural. Como qualificar o seu fazer historiográfico e de que forma sua formação acadêmica e suas inspirações na antropologia cultural moldaram o seu “fazer historiográfico”?

Responder a essas questões, revisitando a sua bibliografia, mas, principalmente, ressaltando a sua influência para correntes historiográficas mais recentes, é objetivo deste trabalho.

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO INTELECTUAL E ACADÊMICA DE FREYRE

Alguns indícios sobre a formação intelectual de Freyre são destacados por ele mesmo em sua obra “Como e porque sou e não sou sociólogo”, por meio da qual podemos entender o *modus operandis* do seu pensamento intelectual, além das referências formais da academia com a sua formação acadêmica nas ciências sociais, na sociologia e, detidamente, na antropologia, em que é interessante observar:

Em conferência autobiográfica na Sociedade Hans Staden, São Paulo, comecei responder uma à pergunta – “por que se tornou sociólogo?” – por uma recordação de infância: a de que aos seis anos fugi de casa para conhecer o mundo, voltando à casa vencida pela saudade. Saudade da mãe, principalmente. Mas também do pai, dos irmãos, da casa e do próprio gato. Desde então, venho repetindo esta fuga e repetindo este regresso. Fugindo do Brasil pela atração de quanto seja diferente do Brasil e voltando ao Brasil pela sedução do familiar. De modo que as minhas tentativas de estudo de temas sociais vêm alternando entre estas duas atrações. Tornei-me sociólogo, por um lado, pela curiosidade em torno do que é social no mundo, por outro, pelo interesse do que é social em mim próprio: na minha família, na minha casa, no meu passado. (FREYRE, 1968, p. 63).

Apesar da formação acadêmica em ciências sociais, um sociólogo e antropólogo em termos acadêmicos, Gilberto Freyre se mostrou um historiador de rara verve. A sua biografia, embotada de recordações da sua infância, colorida de sabores e cheiros vivenciados, tornam-se o ponto de partida para a compreensão do seu contexto sociocultural, no seio do Nordeste açucareiro. Essa personalidade na análise, em certa feita, confere-lhe um olhar particular diante da realidade social nordestina e por que não brasileira. Um olhar que considera o cotidiano, as relações humanas que vão além do fazer historiográfico positivista, até então paradigma dos historiadores de sua época.

Ainda, sob a tese de que a biografia de Freyre traz contribuições importantes e contextualizadas sobre as suas reflexões e obras: é importante recordar as orientações de Patrick Gardiner (2004), em sua análise sobre teorias da História, na qual ao refletir sobre os estilos historiográficos a de se considerar questões, como: o “local social”, a prática de pesquisa e a sua escrita, bem como a biografia do autor, como indicativos de análise que configuram a sua perspectivação, em relação ao seu objeto de análise e a forma pela qual estrutura a lógica formal do conhecimento (GARDINER, 2004, p. 295).

Assim, Gilberto Freyre foi um homem multifacetado, em alguns momentos até ambíguo — como mesmo se denominava: escritor, antropólogo, sociólogo e historiador social. Nasce no Recife de 1900, filho de uma elite canvieira decadente de Pernambuco, tradicionalmente senhores de engenho, em uma época de mudanças e modernizações no espaço nordestino, quanto ao beneficiamento da cana de açúcar, em que esses antigos engenhos eram preteridos a usinas capitaneadas por investidores estrangeiros. Foi nesse processo de decadência do velho senhor de engenho, descrito nas páginas literárias de José Lins do Rêgo, que Freyre cresce sob a égide educacional da matrona da família Freyre, uma mulher católica e conservadora, e trava seus primeiros contatos com a cultura, dita erudita, nos livros de seu pai, um catedrático de Direito da Faculdade de Direito do Recife (LARRETA; GUCCI, 2007, p. 17-20).

Alfredo Freyre exerceu destacada influência no aprendizado escolar de Gilberto, orientando-o desde cedo para o ensino e para a vida intelectual. Forçou-o a uma precoce maturidade, que lhe deixaria, para sempre, a nostalgia dos movimentos da vida infantil mais livre e lúdica de menino de engenho. O fruto tóxico freyriano do menino triste tem aqui a sua origem psicológica. O pai ocupou-se diligentemente em enviar-lhe o dinheiro e os livros necessários durante os longos períodos de estudos no exterior. Depois do retorno de Gilberto ao Recife, era comum vê-lo voltando do correio com pacotes de livros para o filho. Mesmo sem ter desembaraço na língua inglesa, admirava a cultura anglo-saxão e os Estados Unidos. Juntamente com o latim, a sua segunda língua era o francês. Sua revista preferida era *La Revue*, uma conhecida publicação cultural da época dirigida por Jean Finot. Gilberto cresceu entre as revistas francesas e inglesas de seu pai, *Je Sais Tout* e *La Revue*, de Paris, e *The Review of Reviews*, de Londres (LARRETA; GUCCI, 2007, p. 20).

Iniciado em leituras de Comte, Taine e Lattife (FREYRE, 1968, p. 43) por seu pai, instigando-lhe o interesse pela sociologia, ao dar continuidade em seus estudos Freyre muda-se, no final dos anos 1910, para os Estados Unidos, onde desenvolveria suas pesquisas acadêmicas nas universidades de Baylor, no Texas, e de Columbia, no Estado de Nova York.

Já residindo nos Estados Unidos da América na década de 10 do século XX é que Freyre expandiu a sua vivência intelectual e acadêmica, inspirado pela leitura e convivência com o seu professor Franz Boas. O multifacetado programa de disciplinas cursadas, por Freyre, na pós-graduação, sob a orientação do professor Boas influenciou na sua maneira de pensar a realidade social.

Como tais aulas influenciaram à sua maneira de pensar a realidade social? O interessante, é que próprio Freyre, descreve que boa parte dessas aulas serviram contraposição as suas ideias e visão de mundo. Casos, como o do curso de Economia do professor Seligman, ou curso de Direito Público com o professor Muron, ou mesmo as

aulas de sociologia com o professor Anthony Giddens; serviram contraponto as suas ideias, em que por vezes travava diálogos conceituais, com tais pensadores, em suas obras (FREYRE, 1968, p.43).

Freyre, ainda narra as suas passagens pela Europa, onde manteve contato com museus e seminários, causando-lhe uma boa impressão sobre o que era discutido por lá, por professores como Leite Vasconcelos, Max Dessoir (FREYRE, 1968, p.43) e como isso impactou em sua formação.

Em um contexto histórico em que as fronteiras entre as disciplinas e os departamentos eram mais próximas, havia um maior diálogo e discussões entre os saberes, as áreas do conhecimento. Isso fez com que Freyre não se relegasse somente ao estudo da antropologia, que era a sua área específica, mas também ao da história e ao da sociologia, ao do direito e áreas afins. Essa relativa fluidez admitia o desenvolvimento de debates entre as disciplinas do conhecimento científico, tendo a História como espaço de diálogo, com isso havia uma maior interação entre as ciências humanas como um todo.

Sobre tais influências que moldaram a forma de pensar de Freyre, é lícito um destaque para aquele que ele mesmo chamou certa vez de mestre, o antropólogo Franz Boas (FREYRE, 1968, p. 83).

A influência intelectual de Boas em Freyre encontra-se na distinção entre efeitos de aspectos genéticos e aqueles ocasionados por influências sociais. Dessa forma, Freyre responde às teorias eugênicas que cunhavam um sentido biológico à cultura, remetendo-se a todo um referencial de superioridade genética europeia, bem típica de uma teoria que justificava o imperialismo europeu frente a outros povos tidos como “inferiores”, no século XIX. Dessa forma, a proposta de valorização do negro em Freyre é uma resposta *sui generis* a essas teorias raciais.

Dessa forma, o esforço de Freyre é a interpretação do Brasil e as suas especificidades, por isso as suas tipificações dos sujeitos históricos: de um índio “triste” e taciturno; de um negro alegre, como o mais apto ao trabalho escravo; de um português, como um contemporizador, o tipo ideal que teria perpetrado as relações sociais entre raças, no Brasil, por um tom conciliatório. O singular, no caso brasileiro, para Gilberto Freyre, seria a miscigenação entre essas raças, gestando um povo de tradições culturais distintas, relegando um caráter multicultural à constituição da identidade nacional (TUNA, 1999, p. 36-37). Freyre trazia uma interpretação sobre miscigenação sociorracial, no caso brasileiro, que contrapunha a ideia vigente, até então, dos quadros intelectuais brasileiros, da pureza genética e das teorias eugênicas.

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos [...] indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos, mas de pessoas da casa [...]. Verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e sentimentos. Predominantemente coletivistas, os vindos das senzalas; puxando para o individualismo e para o privatismo, os das casas-grandes (TUNA, 1999, p. 36-37).

Essa interpretação de Freyre a respeito do Brasil confluía e estava em conformidade com o contexto pelo qual os intelectuais brasileiros tendiam a lançar um novo olhar sobre a História do país, sobre a nação.

Creio que nenhum estudante russo, dos românticos do século XIX, preocupou-se mais intensamente pelos destinos da Rússia do que eu pelos do Brasil na fase em que conheci Boas. Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração: da nossa maneira de resolver as questões seculares. E dos brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto quanto o da miscigenação (FREYRE, 1996, p. XIVII).

Os anos 20 já haviam sido marcados por agitações e iniciativas, nesse sentido, por expressões artísticas que visavam ao retrato de um país e de seu povo, aos porquês e às especificidades do Brasil. A Semana de Arte Moderna, de 1922, foi o epílogo desse grande debate em torno da identidade brasileira. Autores como Oliveira Viana, Azevedo Amaral e Monteiro Lobato participavam das discussões em torno do Brasil e de seus porquês.

Porém é com a geração de 30¹, como muito bem salienta Antônio Candido, no prefácio de *Raízes do Brasil*, que autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. buscam uma explicação de Brasil, pautados por uma ideia de cientificidade, uma análise da identidade nacional, bem como o processo de constituição histórica da cultura brasileira. Cada qual ao seu modo, todos estes pensadores se remetem à epígrafe: “O que somos e o que fomos? Somos o que fomos?” (TUNA, 1999, p. 21), a qual parece ser o mote que causa inquietação a essa geração dos anos 30. Daí, a preocupação histórica em delinear um diálogo das ciências com a disciplina História, no caso a História do Brasil, e as suas especificidades. Isso se torna claro no caso dessa geração que se utiliza de aparatos teóricos das ciências, mesmo no caso do marxismo caiopradeano, para se estabelecerem explicações quanto à realidade brasileira.

Gilberto Freyre, além de “insights” geniais, mobiliza o aparato conceitual da antropologia e sociologia americana; Caio Prado situa-se numa ótica marxista, ainda que heterodoxa; Sérgio se inspira na tradição do

¹ Na trilha daquele prefácio, é praticamente impossível comentar este livro sem situá-lo diante de dois outros clássicos: “Casa Grande & Senzala” (1933), de Gilberto Freyre, e “Formação do Brasil Contemporâneo” (1942), de Caio Prado Júnior (antecedido, em 1933, por “Evolução Política do Brasil”). No conjunto, formam a trilogia das obras fundantes do “redescobrimento do Brasil” - marcam distintiva e definidora da “geração de 30”, naquilo em que se empenha na consecução do ideário do modernismo no Brasil. Na abertura do livro, a frase famosa - “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” - expressa de forma lapidar a questão central da identidade fugidia que se tentava descrever; e o tema atravessa todo o texto, extravasando para o conjunto da obra do grande historiador. (NOVAIS. Fernando. *Aproximações: estudos de história e historiografia*. COSACNAIFY. 2005, p 321. Referência feita em relação ao prefácio da 5ª edição de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, feita por Antonio Candido).

historicismo (ou, como ele preferiria, historismo) alemão (cf. o ensaio sobre L. Von Ranke), mas amplia ilimitadamente suas fontes de reflexão (NOVAIS, 2005, p. 231-322).

3 A GÊNESE DO CONCEITO DE HISTÓRIA EM GILBERTO FREYRE

Sobre essa preocupação com a realidade brasileira e tendo a História como *locus* de diálogo de suas observações sobre essa realidade, o arsenal teórico do qual se utiliza Freyre é relacionado à sua passagem pela academia americana, ligado ao movimento da New History² norte-americana, em um primeiro momento, mas também ao que, na França, se convencionaria chamar de Escola dos Annales³, valorizando, assim, um novo tipo de análise, tendo como objeto a totalidade dos fatos. Organizando a sua análise por um processo histórico de conhecimento que não se contenta somente com as datas, e uma história política que por si seria a história como um todo. Mas o seu ar de suficiência, pelo fato de dominar fatos mortos, chega a ser comovente (FREYRE, 1975, p. 100), em referência a subjetividade do historiador que, nessa perspectiva da Nova História, deve compreender as evidências por uma objetividade possível; diferentemente da frieza supostamente objetiva da qual tratavam a documentação os historiadores metódicos ou positivistas.

Estava-se na Universidade de Colúmbia, nos dias do autor de *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, aluno graduado da sua Faculdade de Ciências Políticas - Políticas, Jurídicas e Sociais-, sob o impacto da renovação intelectual que ficaria conhecida por 'New History'. Segundo a 'New History' - nisto semelhante à renovação de estudos histórico-sociais que vinha sendo empreendida na França por Marc Bloch e seria continuado por vários dos seus discípulos, um deles o hoje Mestre Fernand Braudel - ao estudo do passado humano fazia-se

² Essa escola traz novas ideias sobre a epistemologia do conhecimento histórico: como a crítica acirrada aos textos tidos por históricos; é o questionamento de sua autenticidade, da documentação tal qual existe, em crítica a ideia de uma história positivista e metódica, na qual os documentos ditam a tônica do conhecimento histórico por si, só. Grande nome dessa escola nos Estados Unidos foi James Harvey Robinson, professor benemérito da Universidade de Columbia, na época de Gilberto Freyre em sua passagem pela universidade, e que exerceu influência no autor.

³ Um movimento ligado à Historiografia que se firmou em torno das publicações da *Revista Annales d'histoire économique et sociale*, tendo como figuras centrais os historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch. As propostas desse grupo vertiam-se em torno de um maior diálogo da disciplina História com as outras ciências, bem como uma maior participação do historiador na construção de uma interpretação na sua lide com as fontes e documentação histórica, imprescindível, assim, estabelecer um diálogo, uma problematização que nortearia a pesquisa histórica condicionada, por sua vez, a uma problematização contextualizada pelo tempo presente, em sua análise do passado. (BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o Ofício do Historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002).

necessário aplicar critérios diferentes dos convencionais - isto é dos cronológicos, dos centrados apenas no estudo dos fatos políticos e guerreiros (FREYRE, 1976, p. 126).

Nesse projeto de arquitetar uma análise que consiga explicar a identidade brasileira e utilizando-se da História como aporte de conceitos vindos da antropologia cultural e da sociologia, torna-se necessário historicizá-los, por isso há uma preocupação em Freyre de se utilizar de uma metodologia da disciplina histórica, de forma a qualificar esses conceitos, tornando-a inteligível.

Entre estes métodos, a utilização de jornais e revistas das épocas evocadas - inclusive dos seus anúncios sociologicamente expressivos; a utilização, sob critério histórico-social ou antropológico social, de daguerreótipos, de fotografias e de litografias - de suas sugestões evocativas e de suas informações de caráter antropológico e não apenas de seus pormenores estritamente históricos; a utilização de depoimentos de sobreviventes idôneos das mesmas épocas, interrogados, ouvidos e consultados pelo autor (FREYRE, 1968, p. 106).

A leitura de *Casa-Grande & Senzala* traz impressões de uma inovação documental e temática. É o olhar de um antropólogo que vislumbra o passado, tendo como objeto privilegiado o homem. Dessa forma, os jornais, os diários, as correspondências, os livros de receitas e fotografias ganham destaque na gama de análises sobre o passado.

De vários sobreviventes: portadores, portanto, de várias verdades e não de uma só; ou de vários modos de contar ou de evocar ou de comentar a verdade por eles experimentada, vista e sentida na meninice ou na mocidade. A verdade ainda verde ou ainda crua: antes de se tornar, depois de amadurecida e tratada por uma arte, ciência, semelhante à da culinária, até apresentar-se como aquela verdade histórica em que a verdade predomina sobre várias (FREYRE, 1968, p. 106).

O olhar antropológico freyriano que se dirige para História retira de cena os grandes episódios políticos, para remeter-se ao cotidiano, as cores vivas de um passado vislumbrado pela vida privada dos homens, seus gostos, seu subconsciente, seus temperos e destemperos pessoais. É no mundo da cultura, da memória que reside a preocupação de revisitar o passado dos homens, através do tempo da memória social (FREYRE, 1968, p. 108).

É o que venho procurando dentro dos meus limites [...] compreender momentos significativos do passado mais que social íntimo, da gente brasileira, em particular, e do

homem situado no trópico, em geral, descendo tanto quanto me tem sido possível descer, pela ciência em auxílio da intuição, ao “inner content” desses passados; aos ritmos que se vem parecendo ligar os fatos reunidos, através de pesquisas em fontes de variadas épocas, e de várias áreas, em conjunto vivamente orgânicos (FREYRE, 1968, p. 108).

Essa relação entre o tempo e o caso brasileiro, bem como a relação de diálogo que se estabelece entre a Antropologia e a História, é evidente no seu ensaio sobre *o conceito Ibérico de tempo*, em que se demonstram diferentes noções de tempo entre os ibéricos (portugueses e espanhóis) em paradoxo com o restante da Europa (europeus do norte, tidos como desenvolvidos, em termos capitalistas), e assim as consequências dessas noções na organização e estruturação dessas sociedades.

Freyre utiliza-se do conhecimento da História para conjecturar que, mesmo os povos ibéricos estarem, primeiramente, em vantagem a respeito da tecnologia de navegação em relação aos europeus do norte, existia uma desvantagem econômica, por parte dos ibéricos, em relação aos seus competidores, de ordem cultural e psicológica. Para o autor, os povos ibéricos possuíam um tempo pré-industrial que não associava tempo e dinheiro, e isso é traduzido pela lentidão de seus barcos (FREYRE, 2003, p. 266), enquanto os europeus do norte são tocados por uma noção puritana de “tempo é dinheiro”, de velocidade e dinamismo nas coisas da vida, do comércio; um tempo capitalista (FREYRE, 2003, p. 267).

É possível que seu sentido do tempo os levasse a admitir o volume como duradouro e a sentirem certo desdém pela rapidez como uma perversão do uso e do gozo adequados, tanto do tempo quanto da vida: uma vida que deve ser vivida lentamente e com projeção no passado - a tradição, a saudade e a esperança (FREYRE, 2003, p. 267).

Essa noção de tempo tida pelos ibéricos é que explicaria o sucesso desses povos no contato com outras culturas, as quais colonizaram, diferentemente de outros colonizadores europeus. Em outros termos, essa noção de tempo facilitou, como no caso brasileiro, a intimidade dos portugueses com os negros africanos, ameríndios e asiáticos. O que para Freyre é um forte traço dessa civilização luso-tropical, que traz em si um enorme poder de absorção cultural (FREYRE, 2003, p. 206).

Dessa forma, Freyre nos conduz ao um tempo ibérico não progressivo, e não linear, no sentido de que esse tempo é começado de novo a cada ano, fugindo da História, pois que foge dessa relação de causa e efeito, e se pauta na existência. É um tempo mais poético, ligado a rituais associados à existência da vida, e não se pautando por uma racionalidade e dinâmicas lucrativas (FREYRE, 2003, p. 280).

É justamente essa noção de tempo ligado à memória⁴ que ajusta a perspectiva e o olhar freyriano para o passado, para a História, e para o caso brasileiro, que herdou o tempo ibérico em sua constituição sociocultural e psicológica. Talvez por isso Freyre analise o Brasil a partir de seu passado, a partir de um Nordeste decadente, isto é, daquilo que deixou de ser, e traga em si olhar nostálgico (NOVAIS, 2005, p. 322).

Antes de Proust, já Walter Pater me comunicara o gosto pela recaptura daquele tempo que em o indivíduo, pela extensão da memória individual em memória familiar e até nacional, pudesse surpreender, por vezes, “almost still”; e no qual encontrasse duas origens mais íntimas juntamente com uma melhor percepção daquilo que um intérprete do mesmo Pater, o Professor A. C. Benson, chamaria de contraste - ao mesmo tempo semelhança - entre o que somos e o que fomos: “*what we are and what we have become with what we were and what we might have been*” [“o que somos e o que nos tornamos com o que éramos e o que nós poderíamos ter sido”, tradução minha.] Isto também o eu poderia ter sido. Especulações psicológicas sobre o que o indivíduo que se analisa, projetando essa análise sobre o passado de sua gente, poderia ter sido se outros tivessem sido os ritos sociais de sua formação e outra, também, sua herança não só física como cultural, dos avôs ou dos antepassados [...] Este pendor introspectivo não tem faltado aos meus ensaios, sejam de antropologia, ou de sociologia, sejam de história social (FREYRE, 1968, p. 107-108).

Foi nesse sentido que a leitura de *À la recherche du temps perdu*, de Proust, marcou indelevelmente a formação e visão de mundo de Freyre (BURKE, 1997, p. 7-8). É nela que encontramos a noção de tempo que norteia a obra freyriana, de uma memória não linear, uma expressão impressionista que recusa a modernidade racional, logo a causalidade linear dos fatos e da história (LARRETA; GUCCI, 2007, p. 235).

O conceito de história em Freyre é apreendido por um tempo presente fluido que se expande ao passado e ao futuro. Se este apenas se liga ao passado, torna-se arcaico. Ou quando procura viver no futuro, torna-se utópico. Por isso, é preciso que o Homem reconheça o tempo como um processo em desenvolvimento, de vir-a-ser, e dessa forma, que se entenda como imerso no tempo (FREYRE, 2001, p. 171). Assim, Freyre entende que a revisitação do passado, e recordação, é a única forma de se entender a alma de um povo, a sua identidade, bem como a única forma de reviver o

⁴ Esta nota nasce de uma observação pessoal, enquanto exercício de algumas leituras que fiz das obras da bibliografia elencada no presente trabalho; a sua percepção da realidade histórica é feita por meio de análises qualitativas das fontes históricas: entrevistas, insights, crônicas, enfim, etc. Porém, não trata de maneira quantitativa a suas referências, o que, na minha opinião, parece, às vezes, carecer desse tato, dessa dimensão para apreensão da realidade histórica, para que consiga dar mais credibilidade ao que se expõe.

passado, mas ligado a um futuro novo, em desenvolvimento no tempo. Por isso, para ele, História e memória são inerentes a um olhar antropológico e cultural para a História.

Embora soe como um paradoxo sociológico, o Brasil precisa dos dois. O conflito entre o desejo de preservar “os valores tradicionais” - afã, aliás, também da China atual, sob vários aspectos é admirável - e o desejo de viver em harmonia com “as condições do século XX”, [...] Alguns estudiosos brasileiros da situação de seu país estão convictos de que será possível desenvolver, no Brasil, uma civilização moderna em seu aspecto técnico que não seja, entretanto, nem subeuropéia e nem subianque em aspectos não tecnológicos, através de conciliação do desenvolvimento técnico com alguns valores tradicionais característicos do Brasil e que podem ser preservados quer por operários, quer por outros elementos da produção nacional (LARRETA; GUCCI, 2007, p. 235).

4 GILBERTO FREYRE E A HISTÓRIA SOCIAL – ANNALES

A relação entre Gilberto Freyre e a Escola dos Annales é um tema interessante e complexo. Não há evidências de que Freyre tenha sido influenciado diretamente pelos fundadores da Escola dos Annales, Lucien Febvre e Marc Bloch, pois ele escreveu sua obra mais famosa, *Casa-Grande & Senzala*, antes de ter contato com as ideias dos *Annales* (BURKE, 1997). No entanto, há muitas semelhanças entre o projeto historiográfico de Freyre e o da Escola dos Annales, especialmente em relação à abordagem interdisciplinar, à valorização da cultura material, das mentalidades e da história da infância (CHAVES, 2013).

Essas semelhanças foram reconhecidas inclusive por Lucien Febvre, que escreveu o prefácio da primeira edição francesa de *Casa-Grande & Senzala* em 1952 (BURKE, 1997), e por Peter Burke, que dedicou um artigo a comparar Freyre com a Nova História, uma vertente dos Annales a qual se desenvolveu a partir dos anos 1960.

Corroborando tal tese, a relação entre a perspectiva historiográfica de Freyre e Phillipe Ariès, importante expoente dos Annales, evidencia tal argumento:

A história da infância de Philippe Ariès é um dos mais famosos exemplos da nova abordagem do passado. Pode-se dizer que Ariès inventou a história da infância ao proclamar que a ideia de infância não existia na Idade Média, mas foi inventada no início da França moderna. Ele não foi um profissional, mas um “historien de dimanche”, como ele descreveu a si próprio em sua autobiografia (cf. ARIÈS, 1982). De qualquer modo, seu estudo sobre a infância, assim como aquele posterior sobre a morte, reflete o interesse na história das “mentalidades coletivas” associada à escola ou ao grupo dos *Annales*. Seu livro é admirável pelo uso da evidência iconográfica e pela

preocupação com a cultura material (notadamente roupas e brinquedos) enquanto expressões de mudanças nas atitudes dos adultos para com as crianças (cf. Ariès, 1960). Entretanto, como se sabe, todos esses tópicos foram discutidos uma geração antes por Gilberto Freyre, especialmente em seus estudos sobre o Brasil colonial. A principal razão para seu interesse na arquitetura vernacular foi explicada por Freyre em alguns artigos de jornal da década de 20. (BURKE, 1997, p. 2)

Portanto, pode-se dizer que Freyre foi um precursor da Nova História e que sua obra teve uma influência na escrita da história tanto no Brasil quanto na França. Assim como Georges Duby, Philippe Ariès, bem como Jacques Le Goff e Fernand Braudel, em sua coleção *Histoire de la vie privée* (1991) ou *História da Vida Privada*, devassaram a história do cotidiano e das mentalidades à história europeia. Gilberto Freyre fez à sua maneira a mesma devassa, iluminando aspectos do cotidiano dos indivíduos, das mentalidades sociais, no Brasil colônia. Embora não tenha usado o termo “mentalidades”, Freyre certamente esteve interessado em “ethos” e “valores” (cf. FREYRE, 1937; 1971 *apud* BURKE, 1997).

Fernando Braudel, ao avaliar a obra *Casa Grande & Senzala*, obra basilar de Freyre fez uma análise calorosa ao recifense, em sua revista *Mélanges d'histoire sociale* – mais conhecida pelo nome posterior de *Annales* (cf. BRAUDEL, 1943 *apud* BURKE, 1997). Nesse sentido, é importante citar que obra freyriana é braudeliana antes de Braudel em sua preocupação com longa temporalidade, pois traz o peso das permanências históricas, na vida cotidiana e na construção da vida social, tal qual conceito que Braudel desenvolveu magnificamente em sua obra *Mediterrâneo Braudel*, em 1949.

Além de perspectiva da temporalidade, outro tópico que aproxima Freyre dos *annalistas* diz respeito a sua multiplicidade documental, em que todos os tipos de documentos, de modo que podemos observar em *Casa-Grande & Senzala*, além de seu pluralismo de métodos em sua escrita da História, utilizando-se de “obras impressas e manuscritas, letras e partituras de músicas, desenhos e daguerreótipos, fotografias e plantas de edifícios, retratos de pessoas, coisas e animais” (FONSECA, 1983, p.5). O tratamento dessas fontes revela, primeiramente, a sua preocupação em não somente pautar a sua análise histórica por meio das narrativas de terceiros, mas também ir ao encontro de fontes primárias, uma narrativa mais autêntica, além de, em segundo lugar, dizer respeito a sua posição ante a fonte histórica, não hierarquizando documentos e suas múltiplas naturezas, pois considerava o trabalho com fontes uma experiência que não representa apenas o “esforço de pesquisa pelos arquivos”, mas uma verdadeira “aventura de sensibilidade” (FREYRE, 1996, p. LXV).

Dessa forma, recortamos das exortações do mestre Lucien Febvre que corroboram a metodologia de Freyre:

A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, se não existirem [...] faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para

fabricar o seu mel, quando faltam flores habituais ...
(FEBVRE, 1985, p. 249).

A escrita da História em Gilberto Freyre é, portanto, o seu espaço de diálogo entre as ciências e saberes, entre a sua sociologia, entre o seu olhar enquanto antropólogo e enquanto intérprete do Brasil. O conhecimento histórico qualifica seus conceitos teóricos e é o *locus* por onde se pode revisitar o passado, a memória coletiva de um povo, a sua identidade presente, e a sua especificidade luso-tropical, que deve basear o sentido de desenvolvimento para o futuro nacional do país.

Freyre investigou indícios de nossa formação histórica a partir da análise de *cartas e arquivos de famílias, livros de etiqueta, cadernos de modinhas, livros de receitas de bolos e doces, coleções de jornais, pinturas, mobiliário, vestuário*, entre outros documentos e fontes extraoficiais. Infelizmente os críticos não compreenderam o caráter não-convencional de seu método (COELHO, 2013, p. 13).

Os críticos não compreenderam que o método aparentemente desorganizado de Freyre era uma vantagem do autor, pois os leitores podiam folhear o livro à vontade, absorvendo conhecimento à medida que liam.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais a que formação inicial de Gilberto Freyre seja as ciências sociais, é nítido que a sua verve historiográfica pulsa contextualizada tanto pela *New History*, norte-americana quanto pela *Escola dos Annales*, francesa, que propõe a escrita de uma história sociológica, psicológica e antropológica. Uma historiografia de vanguarda, que mira o futuro, apesar dos olhares saudosos ao passado. Um sociólogo historiador ou seria um historiador com formação de sociólogo?

O fato é que Freyre preocupava-se em construir uma narrativa histórica, sim, porém a partir de narrativas vividas do cotidiano, uma narrativa poética e, acima de tudo acessível, seja nas palavras, seja nas imagens e ilustrações que cumprem um importante papel na degustação de História brasileira, as suas raízes e perspectivas quanto ao futuro.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P.; CHARTIER, R. **História da vida privada**. Volume 3. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1991.

ARRUDA, J. J. de A. Linhagens historiográficas contemporâneas por uma nova síntese histórica. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 175-191, 1998.

BLOCH, M. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

- BRAUDEL, F. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II**. Volume 2. São. Paulo: Martins Fontes, 1984 [1949].
- BURKE, P. Gilberto Freyre e a nova história. **Tempo Social**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 01-12, out. 1997.
- CHAVES, K. G. O. Gilberto Freyre e a escola dos Annales. **Revista Inter-Legere**, Natal, v. 1, n. 7, p. 37-52, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4669>.
- COELHO, C. M. Gilberto Freyre e o ofício de historiador. **Revista Sinais**, Vitória, n. 13, p. 01-26, 2013.
- FEBVRE, L. **Combates pela história**. 2. ed. Lisboa: Editora Presença Ltda., 1985.
- FREYRE, G. **Antecipações**: textos reunidos, anotados e prefaciados por Edson Nery da Fonseca. Recife: EDUPE, 2001.
- FREYRE, G. **Tempo morto e outros tempos**: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade - 1915-1930. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- FREYRE, G. **Casa grande & senzala**: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal. 31. ed. Rio de Janeiro. Editora Record, 1996.
- FREYRE, G. **Como e porque sou e não sou sociólogo**. Brasília: Editora UnB, 1968.
- FREYRE, G. **China Tropical**: e outros escritos sobre a influência do Oriente na cultura luso-brasileira. Organizado por Edson Nery da Fonseca. Brasília: UNB, 2003.
- FREYRE, G. **Vida social no Brasil nos meados do século XIX**. Trad. Waldemar Valente. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.
- FREYRE, G. **Ordem e Progresso**: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre; e da Monarquia para a República. 6. ed. São Paulo: Global, 2004.
- FREYRE, G. **Palavras repatriadas**. Textos reunidos, anotados e prefaciados por Edson Nery da Fonseca. Brasília: UNB, 2003.
- FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.
- FONSECA, E. N. da. **Um livro completa meio século**. Recife: Massangana, 1983.

GARDINER, P. **Teorias da História**. 5. ed. Lisboa: F. C. Gulbenkian, 2004.

LARRETA, E. R.; GUCCI, G. **Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900 - 1936**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NOVAIS, F. **Aproximações: estudos de história e historiografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

TUNA, G. H. **Gilberto Freyre: entre tradição e ruptura**. São Paulo: Cone Sul, 1999.